

Conteúdo

Ponto de Vista - 15 anos de INTRAC na Ásia central

Sociedade civil no Tadjiquistão – fortalecendo a prestação de contas na política

Desafios enfrentados pelo setor social das ONGs no Quirguistão

Liderança das mulheres - será que esquecemos a questão do poder?

Perspectivas sobre o futuro da sociedade civil na Ásia central

Neste número

Nos focalizamos na região da Ásia central, partindo da experiência de trabalho do INTRAC nas cinco república da Ásia central nos últimos 15 anos. O artigo da seção ponto de vista oferece uma visão do nosso trabalho, destacando algumas iniciativas chaves e atividades que nos estamos envolvidos.

Os artigos seguintes tratam de algumas das questões mais urgentes da região. Anara Musabaeva trata dos desafios relacionados à capacidade organizacional que as ONGs no Quirguistão enfrentam. Iná Kharkevich sumariza as questões chaves de um relatório do INTRAC sobre o Tadjiquistão, e mostra como estas questões se relacionam com o debate sobre estados frágeis. Anara Moldosheva, trás as lições de um estudo regional sobre o movimento de auto-ajuda de mulheres. Finalmente, Charles Buxton, diretor do Programa da Ásia Central do INTRAC, olha para o futuro, explorando o presente contexto, a estratégia do INTRAC, e os atuais desafios da região.

Nos gostaríamos de agradecer muito aos nossos colegas do INTRAC do escritório de Bishkek, e aos nossos parceiros em toda a região, pelo seu esforço de compilar este numero do ONTRAC em circunstâncias bastante difícil.

Ponto de Vista – 15 anos de INTRAC na Ásia central

No ano passado o INTRAC celebrou o seu 15º aniversário de presença na Ásia Central. Nos inicialmente começamos a trabalhar na região em 1994, em um tempo de muito pouca atividade da sociedade civil. Entretanto havia uma considerável necessidade no que era uma das mais pobres áreas da antiga União Soviética. No Quirguistão, a rede de proteção social entrou em colapso, o sistema de saúde tinha o maior numero de médicos per capita, maior que na Suécia, mas o sistema era disfuncional, a distribuição de alimentos e de combustível, essencial devido ao duro inverno na Ásia central estava severamente diminuído. Neste contexto, o interesse do INTRAC pela região se aprofundou e começamos o trabalho e, desde então, temos construído a reputação de uma das mais experientes ONGs Internacional na região.

Nosso trabalho se expandiu em uma abordagem de fortalecimento de capacidades de longo prazo por toda a região. Nestes 15 anos, nos fomos mudando, hoje nossa equipe de funcionários é predominantemente composta por pessoas da região, que podem desenvolver o processo de capacitação com um alto nível, entendendo e respondendo melhor as necessidades locais que quando nos começamos, em 1994. Os contínuos desafios políticos e econômicos, como a recente turbulência no Quirguistão, vividamente nos lembram que não existe uma solução rápida, ao contrário, existe a necessidade de um gradual fortalecimento da sociedade civil local, para que se possa lidar com os problemas da pobreza, da desigualdade e de prestação de contas por parte do governo. O compromisso de longo prazo do INTRAC nos tem permitido trabalhar mais efetivamente no fortalecimento do setor como um todo, particularmente quando trabalhamos com o governo local e com as ONGs.

Aqui, nos exploraremos alguns destaques do trabalho do INTRAC nestes 15 anos na Ásia central

O começo: de redução da pobreza ao fortalecimento de capacidades

A queda do muro de Berlim, e o importante papel jogado por grupos da sociedade civil nos novos e emergentes países da Europa do Leste, contribuíram para que a noção de apoio a “sociedade civil” fosse um objetivo válido para o setor do Desenvolvimento. A inesperada independência de cinco países da antiga República Soviética, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão, trouxe um desafio para as populações e governos destes países: o de construir e apoiar a sociedade civil onde, por 60-70 anos, engajamento civil era largamente definido e limitado pelo Estado.

O INTRAC foi primeiro convidado para ir ao Quirguistão pela UNDP/UNV, em 1994, para desenhar um programa de redução da pobreza em nível comunitário. A hipótese subjacente era que qualquer programa deveria ser uma operação rápida. Nos, contudo, acreditávamos que, devido à ausência de estruturas com as quais trabalhar, o que era necessário era um processo de longo prazo de fortalecimento de capacidades nas novas e emergentes sociedades civil. Isto, por seu turno, nos levou a nos envolvermos com a UNV em um programa de fortalecimento de capacidades, o qual se propunha a trabalhar o entendimento de coisas básicas como “o que é uma ONG”, daí passamos rapidamente a trabalhar com os voluntários das Nações Unidas do Sul da Ásia para ajudar as novas ONGs a se engajarem com comunidades rurais local através de métodos participativos, tais como a Avaliação Participativa Rápida – APR.

Isto se expandiu para um “Programa de Desenvolvimento Institucional”, uma vez que o fortalecimento das ONGs sozinho era insuficiente se houvesse pouco entendimento ou apoio sobre o seu papel por parte do governo e do público. Com o apoio do DFID, de 1997 a 2000 trabalhamos no Quirguistão e Cazaquistão, este trabalho incluía: apoio ao desenvolvimento organizacional para ONGs individualmente, produção de relatórios sobre questões afetando o setor das ONGs, pesquisa sobre a sociedade civil local em vários contextos; workshops e mesas redondas voltadas ao apoio à criação de um “ambiente favorável” e ao trabalho de fortalecer redes regionais. Em colaboração com o PNUD, o INTRAC também facilitou um consórcio de doadores que discutiu o papel dos doadores em prover apoio à sociedade civil. Os doadores tiveram a oportunidade de conjuntamente fazer um trabalho de lobby junto aos governos em nome das OSCs, o que foi particularmente bem sucedido no Cazaquistão.

Durante este período uma série inovadora de cursos para os funcionários das ONGs locais foi também desenvolvido. O Programa de Apoio a Educação e Treinamento foi muito mais abrangente que os cursos e treinamentos anteriores realizados na região. A participação de convidados palestrantes, do governo e do setor privado, deu aos participantes um entendimento mais aprofundado sobre o relacionamento das ONGs com a sociedade civil mais ampla e com o setor público e privado. Os participantes receberam ferramentas e idéias para levarem para as suas próprias instituições. O aprendizado foi compartilhado dentre os participantes, e os treinadores visitaram os participantes em seus espaços de trabalho para ajudar a consolidar o aprendizado.

Aumentando o nosso alcance em toda a região

Em 2001, o DFID financiou o INTRAC para continuar o trabalho, em um contexto onde quase nenhuma ONG européia queria aceitar o desafio de trabalhar na região da Ásia Central. O trabalho do INTRAC se tornou maior, expandindo-se para os cinco estados da região, operando a partir de três escritórios, no Cazaquistão, Quirguistão e Uzbequistão. Durante esta fase, o programa continuou com o trabalho geral de apoio voltado a construir um ambiente favorável para o desenvolvimento da sociedade civil, através de workshops, da coordenação de discussões com os doadores, promovendo o trabalho com comunidades locais, investigando as tendências do terceiro setor e desenvolvendo metodologias para construir conexões entre grupos da sociedade civil e as autoridades locais.

Um segundo programa de treinamento, Programa de Treinamento em Capacidade de Análise (PTCA), foi também desenvolvido para, ajudar os participantes a entenderem, em um nível mais profundo, as questões que enfrentavam o grupo alvo de suas ações, a desenvolverem estratégias de intervenção realistas e apropriadas. O programa forneceu também material para o trabalho de

influência política. Entre os módulos, os participantes realizavam pesquisas, como trabalho de curso, com seus parceiros. O programa foi realizado em três países diferentes num período de três anos, culminando em cada caso com uma pequena conferência onde os participantes apresentavam seus trabalhos analíticos a uma audiência mais ampla da sociedade civil, autoridades locais e a imprensa (mídia).

O INTRAC introduziu um processo completo de monitoramento participativo e avaliação, onde no interesse da transparência e aprendizado nos usamos o INTRAC como estudo de caso, abrindo nosso programa para os parceiros da sociedade civil, para ser avaliado usando métodos participativos através de uma série de workshops e reuniões. Esta foi a primeira vez que isso foi feito por uma ONG Internacional e o resultado deste processo está documentado no Documento Práxis 21 “Monitoramento participativo e avaliação na prática: Lições da Ásia central”.

O trabalho continua: fortalecendo a capacidade para grupos de auto-ajuda

De 2005 a 2009, o INTRAC foi financiado por ICCO para dar apoio a 20 ONGs trabalhando com redução da pobreza, usando metodologias de auto-ajuda, no Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão. Avaliações organizacionais definiram as prioridades para os 3 anos do programa de fortalecimento de capacidades. Temos tido um sucesso repetido no programa de treinamento da capacidade analítica, desta vez mais focalizado em projetos de mini pesquisa sobre acesso a educação básica e serviços de saúde; e em “grupos de aprendizado e ação” iniciativa esta voltada a ajudar dois principais conjuntos de funcionários de ONGs – gerentes intermediários e os funcionários que trabalham nas comunidades – a desenvolverem suas capacidades. Um outro destaque, é o nosso projeto de desenvolvimento de liderança, documentado no Práxis numero 18 “Liderança da Sociedade Civil em contexto de transição”, e um bem sucedido programa piloto com o Centro Interbilim. Um estudo regional sobre movimentos de auto-ajuda e seu impacto na sociedade civil informam estes programas. Um pequeno programa de treinamento foi lançado em 2005, com cursos ministrados em russo, que foi implementado em toda a região.

O INTRAC tem trabalhado com a maioria das ONGs européias hoje ativas na Ásia central: Oxfam, Christian Aid, ACTED, Caritas, Mercy Corps, Save the Children, HelpAge, Helvetas, German Agro Action, DanChurchAid – e também com outras como a Fundação Eurasia, Red Crescent e a Fundação Aga Khan. Nosso apoio tem sido ainda muito requisitado e nos continuamos a oferecer relevantes serviços e novas idéias no contexto continuamente em mudanças dos diferentes países da Ásia Central.

Lições da Ásia Central

Leva tempo para que ocorra uma transição de um governo autocrático para uma sociedade civil fortalecida. Nossa experiência mostra que nestes contextos, é necessário olhar para além das necessidades imediatas e ter uma visão mais estratégica do desenvolvimento. É também essencial engajar um amplo leque de interessados, tais como pequenos grupos comunitários, ONGs nacionais e locais, doadores e governo local. Em contextos de transição sociedade civil é uma experiência nova para todos, não existe “especialistas”, e a melhor abordagem parece ser a de juntar as pessoas, do local e internacional, do norte e do sul. Através do compartilhar de experiências e conhecimentos, uma abordagem que seja útil e apropriada nestes novos contextos pode surgir.

Anne Garbutt
Diretora de Consultorias
agarbutt@intrac.org

Sociedade Civil no Tadjiquistão – fortalecendo a prestação de contas na política

O Tadjiquistão, assim como outras repúblicas da Ásia central, é invariavelmente rotulado como um “estado frágil”. Apesar disso, o país tem recebido pouca atenção da comunidade de doadores internacional. Isto é surpreendente considerando a posição estratégica do Tadjiquistão, que faz fronteira com o Afeganistão.

Em recente relatório o Grupo International Crisis afirma que o Tadjiquistão está “no caminho de falhar”. Entretanto, um estudo do INTRAC¹ mostra que, apesar da situação volátil nos países vizinhos, do legado de uma guerra civil recente e de dificuldades econômicas, o Tadjiquistão tem atingido elementos de estabilidade, ao mesmo tempo em que tem conseguido prover um mínimo de serviços sociais, mantendo a segurança em sua fronteira e vem exercitando sua autoridade fiscal. O estudo também sugere que em situações de fragilidade, a sociedade civil pode fazer uma positiva contribuição ao processo de institucionalização e de construção do estado, engajando e trabalhando com os órgãos governamentais em diferentes níveis. Este artigo sumariza os principais insights (achados) do estudo do INTRAC sobre o Tadjiquistão.

Qual o papel da sociedade civil?

Poderíamos argumentar que o Tadjiquistão é um caso bem sucedido de transição de uma situação de conflito, onde a sociedade civil tem crescido gradualmente e se fortalecido e tem melhorado sua posição em relação ao Estado. O Tadjiquistão tem uma história recente de violento conflito e tem um dos mais baixos índices de desenvolvimento humano na região da Ásia central. Neste tipo de situação, o papel principal da sociedade civil tem sido o de prover serviços e ajuda humanitária. A pesquisa do INTRAC mostra, no entanto, que ela pode ir além destas funções, em direção a melhorar a prestação de contas e influenciando processos de institucionalização e de construção do estado. No Tadjiquistão, a sociedade civil faz isso a partir do lobby por reformas legislativas e nas políticas, e no sistema de justiça, melhorando a prestação de serviços provido pelo estado, e monitorando a adesão do estado a legislação existente. Apesar da natureza personalística do regime político, as organizações da sociedade civil (OCSs) têm conseguido ganhar reconhecimento por parte do estado, como sendo uma parte legítima da sociedade.

O que nos podemos aprender dos sucessos da sociedade civil do Tadjiquistão?

Estes modestos mais tangíveis sucessos da sociedade civil estão baseados no seu espaço claramente definido fora do domínio político. O fato de a sociedade civil ter escolhido ser apolítica é um dos importantes fatores para se entender o positivo impacto que tem tido na estabilidade política e no desenvolvimento social do Tadjiquistão. Ao invés de se opor diretamente ao presente regime, os atores da sociedade civil têm se concentrado em transformar a natureza das instituições do estado, as práticas e normas que conformam sua existência. Deste modo, as OCSs esperam ter um impacto de longo prazo no Tadjiquistão, assegurando a emergência de um sistema de equilíbrio e monitoramento, e estabelecendo uma tradição de diálogo com os canais existentes para uma comunicação entre o estado e a sociedade civil.

Qual o papel dos doadores?

A posição dos doadores em relação ao regime político do Tadjiquistão tem jogado um importante papel em moldar uma abordagem de não confrontação por parte da sociedade civil e, conseqüentemente, tem direcionado os eventos no Tadjiquistão em uma certa direção. Apesar da natureza autoritária do regime do Presidente Rakhmon, os doadores têm continuado a colaborar com o regime, em parte, pelo menos, devido a considerações de segurança na região. Os doadores dos programas de fortalecimento da sociedade civil, enquanto reconhecem a agenda da democratização e dos direitos humanos, têm sido cuidadosos em não tocar em questões controversas, tais como a natureza do regime político ou a legitimidade do governo. É claro que a

¹ O artigo está baseado em uma pesquisa comissionada pelo SIDA. A pesquisa explora o papel da sociedade civil para aumentar a prestação de contas política em estados frágeis. O relatório completo da pesquisa no Tadjiquistão pode ser baixado no sítio www.intrac.org

posição dos doadores tem contribuído para o desenvolvimento de uma sociedade civil apolítica a qual adotou uma posição de cooperação em relação ao estado, uma interação estado-sociedade civil marcada pela tolerância, aumentando o reconhecimento e cooperação com os diferentes níveis do governo.

A contínua necessidade de fortalecimento das capacidades da sociedade civil

Embora tenha havido um notável progresso no desenvolvimento da sociedade civil do Tadjiquistão desde o final da guerra civil em 1997, ela, todavia, não está ainda madura. Em particular, e freqüentemente, falta capacidade para manter o estado prestando contas de suas ações ou tendo um desempenho de alta qualidade em nível nacional. A participação da sociedade civil na Estratégia de Redução da Pobreza do Tadjiquistão revelou uma urgente necessidade de fortalecimento da sociedade civil. Assistência técnica, treinamento e construção de conhecimentos têm sido necessidades para ambos os setores, não governamental e governamental. Representantes da sociedade civil entrevistados pelo estudo do INTRAC afirmaram que monitoramento e avaliação são dois dos mais importantes métodos para que grupos da sociedade civil possam melhorar a prestação de contas política. Treinamentos em monitoramento e avaliação foram citados como suas necessidades mais urgentes.

O contexto e a história são relevantes

O caso do Tadjiquistão ilustra que o engajamento com estados frágeis requer um entendimento nuançado do contexto. No Tadjiquistão, isso significa entender o legado do Estado soviético e a guerra civil de 1992 a 1997. A paz em 1997 e a segurança na fronteira do país, em contraste com o vizinho Afeganistão, têm dado ao presente regime político uma certa legitimidade. Os benefícios da presente cooperação entre sociedade civil e o estado deve ser olhado em relação a rápida escalada dos conflitos entre o governo e a sociedade civil no início dos anos de 1990, o qual está associado ao fato do país ter sido levado a guerra civil. Outro importante fator a ser considerado no desenho de políticas para o Tadjiquistão é a expectativa popular sobre o papel do estado, largamente moldado pela memória do socialismo soviético. No Tadjiquistão, o estado é visto primeiramente e, maiormente, como um provedor de ordem e estabilidade, e como um garantidor dos direitos econômicos e sociais, mais que dos direitos humanos e da democracia. Isto parece ser vital para o Tadjiquistão contemporâneo, onde a maior área de fragilidade reside no setor de energia, e onde o apoio dos doadores aos projetos do governo pode ter um significativo impacto na situação macro econômica do Tadjiquistão e, conseqüentemente, na perspectiva de manutenção da estabilidade no futuro

Ina Zharkevich
Pesquisadora assistente, INTRAC
izharkevich@intrac.org

Os desafios enfrentados pelo setor social das ONGs no Quirguistão

A situação no Quirguistão, o qual foi por muitos anos considerado uma “ilha de democracia” na Ásia central, tem mudado dramaticamente desde a chamada “Revolução das tulipas” ocorrida em 2005². O setor das ONGs no Quirguistão, largamente considerado como um dos mais independentes e ativos da região tem enfrentado múltiplos desafios. Uma importante tendência é a crescente pressão do estado para manter o setor das ONGs sob um maior controle, visando estreitar o espaço de atividades das ONGs e excluir qualquer atividade relacionada com a esfera política. Esta crescente pressão ocorre juntamente com uma política recentemente anunciada pelo presidente para fortalecer as plataformas de consulta e comunicação com os diferentes grupos da população, de forma a melhorar a governabilidade, particularmente dos processos de tomada de

² Em marco de 2005, como resultado de um protesto de massa, o presidente Askar Akayev foi forçado a deixar o país. Seguindo estes eventos, Kurmanbek Bakiev, se tornou presidente.

decisão³. O público recebeu esta política, chamada “democracia deliberativa” de uma forma variada, e as ONGs a criticaram, mostrando que ela trazia possíveis desvios dos padrões democráticos internacionais, incluindo a democracia eleitoral.

Desafios para as relações externas

Outro desafio tem sido a redução dos financiamentos por parte dos doadores nos anos recentes. Dado que as ONGs no Quirguistão têm alternativas mínimas de fontes de financiamento, a questão da sobrevivência das ONGs, especialmente das pequenas organizações e das organizações rurais, tem ficado mais complicada. O estado é muito sensível as atividades voltadas para os direitos humanos e as ONGS “militantes”, ao contrário diz ser a favor, fornecer apoio as “ONGs orientadas para a provisão de serviços sociais”. Entretanto, em realidade, as ONGS dedicadas ao setor social recebem muito pouco apoio tangível por parte do estado. Mas elas se encontram em numa posição ambígua. Apesar da retórica da cooperação com o estado, estas ONGS recebem pouco apoio e ainda quando elas tentam cooperar com as autoridades públicas elas freqüentemente enfrentam críticas de outras organizações do setor de ONGs por serem, excessivamente leais as autoridades estatais.

Na outra ponta, as autoridades em nível nacional e particularmente em nível local freqüentemente usam uma abordagem instrumental, vendo-as simplesmente como provedoras de serviços sociais aos grupos mais vulneráveis da população, preenchendo os vazios deixados pelo provedor público.

Desafios relacionados ao desenvolvimento organizacional

A experiência de trabalho do INTRAC com o setor de ONGs dedicado ao setor social dentro do Programa de Desenvolvimento ACT⁴, assim como em nossa presente pesquisa sobre a prestação de contas das ONGs aos seus públicos alvo⁵, mostra que mesmo as ONGs mais maduras do Quirguistão precisam encontrar respostas para os desafios relacionadas ao seu desenvolvimento institucional.

Um importante problema é ser sustentável. Muitas ONGs tende apenas a olhar a sustentabilidade do ponto de vista financeiro, dada as dificuldades de sobrevivência e a dependência financeira da ajuda estrangeira. Entretanto, dentre os parceiros locais do INTRAC, sustentabilidade está, cada vez mais, sendo percebida como tendo muitos aspectos.

Experientes ONGs do setor social têm começado a considerar sustentabilidade do ponto de vista da adesão a sua missão, a contínua melhoria da qualidade de seus trabalhos, a melhoria de seus sistemas internos e das estruturas organizacionais, e de seus acúmulos profissionais e capacidade intelectual.

Segundo, há buracos na estratégia organizacional das ONGs. Quando tentam aumentar a capacidade de seus grupos alvos, as ONGs freqüentemente esquecem sobre a necessidade de planejamento estratégico para elas mesmas. As ONGs muito freqüentemente não atualizam seus planos estratégicos ou simplesmente não os possui, e baseiam seus trabalhos em projetos. Esta falta de visão estratégica leva a que as ONGs não pensem de forma abrangente e seriamente sobre a sustentabilidade de suas estruturas e formas de atividades geradas no curso de seus projetos.

³ Em março de 2010, o país realizou uma reunião com representantes das unidades administrativas territorial, com grupos religiosos e étnicos, e com as associações profissionais, assim como também com os representantes de profissões criativas (num total de 742 delegados). Este encontro contou também com a participação de representantes das ONGs. Durante este encontro, que foi chamado de Consulta Kurultai, o presidente anunciou a introdução da “democracia deliberativa” como o modelo mais adequado para o Quirguistão.

⁴ O programa de Desenvolvimento ACT, desenvolvido na Ásia central, é apoiado por um consórcio que inclui Christian Aid (UK) ICCO (Holanda) e DanChurchAid (Dinamarca).

⁵ Esta pesquisa é apoiada pelo Instituto de Assuntos Internacionais da Noruega e tem o objetivo de pesquisar questões relacionadas à prestação de contas e legitimidade das ONGs orientadas para o trabalho social na República do Quirguistão.

Para ilustrar estes desafios, a experiência do programa de desenvolvimento ACT mostra que as ONGs apoiando o desenvolvimento de grupos de auto-ajuda em áreas rurais acham difícil definir suas estratégias de finalização do trabalho com os grupos, ou seja, sua estratégia de saída. Em outras palavras, a questão de quando os grupos de auto-ajuda devem se tornar independentes das ONGs, e como eles devem se desenvolver a partir daí ainda não foi respondida adequadamente. Algumas ONGs criam associações ou federações de grupos de auto-ajuda, enquanto outras encorajam os grupos de auto-ajuda a se transformarem em ONGs. Algumas ONGs têm até começado a se sentirem prisioneiras de um sistema paternalístico o qual elas são em parte responsáveis. Os grupos de auto-ajuda continuam a esperar que as ONGs vão lhes dizer como continuar a se desenvolverem, ao mesmo tempo, as ONGs mesmas lutam com limitações de capacidades e financeiras, que impossibilitam que elas mesmas expandam o esquema existente de grupos de auto-ajuda a outros grupos pobres da população. As ONGs são forçadas a pensar sobre sua própria sobrevivência e como responder as necessidades e expectativas das pessoas com as quais trabalham.

Finalmente, um outro desafio importante é o recente questionamento sobre a legitimidade do setor das ONGs e de seu papel na sociedade. As ONGs enfrentam acusações de que elas não representam aqueles grupos os quais elas consideram serem seus beneficiários, ou de que elas são realmente agentes ou lobbistas, representando o interesse das organizações internacionais ou de governos estrangeiros, uma vez que elas são financiadas por recursos estrangeiros. Estas acusações são feitas principalmente pelo estado, entretanto, também se pode ouvir acusação similar vindo da população também. Isto pode ser parcialmente explicado pelo fato de que as ONGs nem sempre se comunicam com o público em geral, e, também, o problema de financiamento que as ONGs enfrentam diariamente pode estar contribuindo para a incapacidade de manter um sistema ativo de comunicação e diálogo dentro do contexto no qual trabalham e com as pessoas com as quais elas trabalham.

Respondendo a estes desafios

Confrontadas com a questão de sua legitimidade, as ONGs estão cada vez mais preocupadas em encontrar formas de melhorar a imagem pública do setor e o reconhecimento de seu papel na sociedade, assim como também, de melhorar a comunicação com seus grupos alvo e grupos interessados (stakeholders) e de fortalecer a identidade coletiva das ONGs e seus trabalhos em coalizões

As ONGs mais experientes estão agora mostrando um interesse pela auto-regulação coletiva, aprendendo de mecanismos usados em outros países. Não existe uma opinião unânime de como melhorar a prestação de contas das ONGs em relação ao seu público/grupo alvo, ou quais mecanismos de auto-regulação seria mais apropriado na atual e turbulenta situação do Quirguistão. Os recentes levantamentos políticos podem atrasar estas discussões, mas elas voltarão, elas fazem parte do amadurecimento do setor das ONGs. Mais e mais, as ONGs entendem que fortalecendo a prestação de contas em relação aos seus grupos alvo e desenvolvendo mecanismos de cooperação e auto-regulação, elas irão encontrar, pelo menos, respostas parciais para as críticas e, esperamos, serão capazes de sobreviver ao novo ambiente, com substancial apoio dos doadores, do setor privado e das estruturas do estado.

Anara Musabaeva

Consultora independente sobre sociedade civil, Quirguistão
a.musabaeva@gmail.com

Liderança das Mulheres – será que esquecemos a questão do poder?

A história do movimento de mulheres pós União Soviética é geralmente considerado com tendo começado com a quarta conferência das mulheres em Beijing, em 1995, atendido por delegações das cinco repúblicas. A adoção da plataforma de ação de Beijing contribuiu para ambas, a criação de estrutura de estado voltada para as questões das mulheres, como para a emergência de um grande número de organizações de mulheres na região. Uma década e meia depois de Beijing é um bom tempo para refletir sobre o status do movimento de mulheres na região.

Apoiando um sistema alternativo

O Sociólogo Immanuel Wallerstein⁶, observa:

‘...nos podemos fazer uma escolha coletiva em favor de um novo e estável sistema, cujas principais características nos lembra o anterior, nomeadamente, a presença da hierarquia, da exploração e popularização... Entretanto, nos também podemos escolher um sistema radicalmente diferente, o qual nunca existiu antes – um sistema relativamente democrático, relativamente igualitário,,,’

Wallerstein compara um sistema centrado em apoiar aqueles com poder e privilégios, com um sistema onde reformas podem ser feitas de baixo para cima. Ele chama o primeiro sistema de “Espírito de Davos” uma vez que ele reflete o Fórum Econômico Mundial, e o segundo sistema de “o Espírito de Porto Alegre” uma vez que tem sido formado dentro do Fórum Social Mundial.

Nos devíamos ter isso em mente quando refletimos sobre o movimento de mulheres na Ásia central, nos estamos lutando com os desafios da escolha de um novo sistema.

A atual situação do movimento de mulheres

Uma participação da sociedade civil que é genuína e igualitária é central a esta visão. Na região, a militância das mulheres permanece restrita aos “**espaços de participação convidados**” (Cornwall e Gaventa⁷), onde certos grupos participam dentro de papéis definidos, de uma forma que não muda significativamente o sistema tradicional de relações de poder. E mais, as estratégias das ONGs de mulheres são influenciadas pelas organizações internacionais de desenvolvimento e são geralmente limitadas a “registrar” as necessidades das mulheres, tais como: destacando o desemprego feminino e a pobreza, a violência contra as mulheres, a ausência das mulheres em postos de gerenciamento. Assim, as mulheres desempenham principalmente seu papel político de forma preconceituosa, como “sujeitos vitimizados”

O elemento mais radical do movimento de mulheres na Ásia central é a luta para a representação das mulheres nas atuais estruturas do estado. Isto representa uma tentativa de criar o “espaço reclamado” de participação, onde as mulheres são livres para negociar por si mesmas e com base em suas agendas alternativas.

Iniciativas do INTRAC: encontrando abordagens alternativas

Em 2009, um projeto para desenvolver a liderança de mulheres e jovens nas comunidades locais foi implementado como parte do Programa da Ásia Central do INTRAC. Este projeto foi baseado nas atividades de uma rede local de ONGs apoiadas por um consórcio de doadores - Programa de desenvolvimento ACT. A rede “Ishenim” tem 10 anos de experiência em promover grupos de auto-ajuda como uma estratégia de melhorar a qualidade de vida e fortalecer a voz dos grupos pobres. Os grupos de auto-ajuda se espalharam grandemente durante os últimos 15 anos como um método de mobilização comunitária para combater a pobreza. Hoje as ONGs parceiras no

⁶ “Dinâmicas da Crise Global: trinta anos depois” . Conferência Internacional “Estado moderno e Segurança Global” (setembro, 2009, Yaroslavl, Rússia) documento em inglês.

⁷ O Desenvolvimento da sociedade civil na Ásia central, INTRAC, 2005

consórcio do Programa de desenvolvimento ACT, apóiam mais de 1.000 grupos de auto-ajuda no Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão.

Aproximadamente 75% dos grupos são grupos de auto-ajuda de mulheres. Neste sentido, se poderia esperar que as organizações de mulheres deveriam prover um espaço autônomo para o desenvolvimento das mulheres. Mas uma visão mais detalhada das mobilizações de mulheres em programas de micro-credito, por exemplo, oferece sérios questionamentos a esta hipótese. Pesquisas do INTRAC sobre as atividades dos grupos de auto-ajuda e outras organizações de base comunitária no Quirguistão indicaram um conflito entre os modelos de promoção de liderança feminina e a realidade da vida no terreno. Na prática, os grupos de auto-ajuda de mulheres freqüentemente rejeitam autonomia em troca de segurança e sobrevivência física. Por causa disso é improvável que as existentes hierarquias de poder serão transformadas, ou que as mulheres irão realmente ser empoderadas. É revelador que as mobilizações bem sucedidas das mulheres no setor civil na Ásia central ocorrem largamente nos “espaços convidados”. Isto afeta a natureza da liderança das mulheres e do movimento como um todo.

O recente projeto do INTRAC de liderança de jovens e mulheres trabalhou conjuntamente com os participantes a questão do entendimento do poder e das normas culturais da masculinidade e feminilidade que fundamentam as desigualdades de gênero, assim como também o impacto destes fatores na liderança na região. Usando novas mídias como ferramentas nos tínhamos como objetivo recolher experiências que pudessem facilitar as discussões entre as ONGs parceiras em como o movimento de auto-ajuda pode se tornar um espaço para o desenvolvimento de modelos alternativos de liderança dentro das atuais condições, e tomando em consideração os interesses dos diferentes grupos de mulheres e homens.

As questões que estiveram no começo do projeto ainda permanecem: Onde estão os verdadeiros espaços autônomos entre as organizações de mulheres e grupos? Como nos podemos criá-los? Como nos podemos combinar os interesses dos grupos de auto-ajuda e os das ONGs em um coerente movimento social baseado em princípios de igualdade? Parece que sem uma atenção especial as dinâmicas de poder dentre as ONGs e grupos de auto-ajuda, será difícil resistir aos vários mitos sobre associação de grupos vulneráveis – por exemplo, que nos grupos de mulheres o poder se distribui mais igualmente. Estereótipos como este impedem uma discussão aberta e crítica sobre as projeções e possibilidades para o desenvolvimento de formas democráticas de liderança dentro destes grupos.

Anara Moldosheva
Especialista Independente em gênero, Quirguistão
anaramoldosheva@gmail.com

Perspectivas sobre o futuro da sociedade civil na Ásia Central

As esperanças de democracia no estilo ocidental e de uma substancial melhoria econômica na vida da maioria das pessoas na Ásia central têm desaparecido nos anos recentes. Neste contexto, em dezembro de 2008, o INTRAC adotou uma nova estratégia de 3 anos para apoiar a sociedade civil na região – sendo esta o resultado de nove meses de consultas, reflexão e de busca de dados. A estratégia reflete nossa crença que a ação cidadã continuará a jogar um papel central para a mudança, não importa quão gradual isso possa ser, e que o apoio internacional para promover isto será vital.

A contínua necessidade de parceria e de apoio aos direitos econômicos e sociais

A sociedade civil dos cinco países da Ásia central ainda opera dentro de uma base política e social limitada, com progressivo decréscimo de atenção e prioridade de governos estrangeiros e de agencias internacionais. Por esta razão, o objetivo da nova estratégia é “reduzir o isolamento da sociedade civil da Ásia Central trabalhando junto com associações e redes nacionais e regionais que trabalham promovendo a justiça econômica e social e defendendo o espaço da

sociedade civil". A referência aos direitos econômicos e sociais reflete nosso foco de longo prazo nesta área. A experiência da região, que foi parte da antiga União Soviética, desde 1991, mostra como é difícil construir um amplo apoio para uma moderna e independente sociedade civil enquanto as condições econômicas e do capital social se deterioram.

Apoiar organizações com o compromisso de reduzir a pobreza e de promover a igualdade de gênero é o segundo objetivo do INTRAC, o de continuar o fortalecimento de capacidade das ONGs locais e dos movimentos sociais de forma a fortalecer a "participação e o empoderamento das comunidades vulneráveis e marginalizadas". Nosso trabalho neste objetivo tem lugar principalmente no Quirguistão e Tadjiquistão, os mais pobres países da região e aqueles mais dependentes de ajuda externa. No Cazaquistão, a maioria dos doadores saíram por volta de 2005, citando a aumento do PIB per capita como motivo. Especialistas em sociedade civil e em desenvolvimento desafiam esta visão, mostrando a falha do regime de dividir a riqueza proveniente do petróleo e a lentidão do processo de democratização. Ainda, muitas ONGs locais foram forçadas a fechar, ou a vender seus serviços como treinadores e consultores para o governo.

Apoiando uma sociedade civil independente

O desenvolvimento da contratação e a proliferação de ONGs ligadas ao estado ilustram o modelo de sociedade civil apoiada pelo governo e que é crescentemente influente na região. A estratégia ICAP tenta lidar com isso declarando o objetivo de ajudar a "melhorar a qualidade do serviço prestado pelas ONGs e assegurar que as boas práticas são comunicadas as agências do governo e convertidas em novas e amplas iniciativas de políticas". Em outras palavras, nos estamos tentando transferir as lições dos programas de desenvolvimento internacional para os programas governamentais financiados ao setor, os quais, no momento, são implementados dentro de uma abordagem estreita de compra de serviços.

As dificuldades de se trabalhar no Uzbequistão e no Turcomenistão são substanciais. A expulsão das ONGs Internacionais e o fechamento de ONGs locais no Uzbequistão, em 2004/5, seguido da quebra do que foi um "casamento de conveniência" com os Estados Unidos as America, afetou tão fortemente o setor social das ONGs quando os grupos de direitos humanos. Em 2008, treinadores do INTRAC e da Comissão de Caridade do Reino Unido realizaram uma oficina sobre ambiente/marco regulatório e legal para a sociedade civil no Uzbequistão. Nos vimos como o governo tinha criado a sua própria sociedade civil, provendo doações e apoio de diferentes formas as ONGs leais, usando a retórica de anti-terrorismo para justificar um ambiente muito restritivo. De fato, a oficina da pesquisa do INTRAC, em 2007, mostrou que a agenda de segurança internacional tinha tido um efeito negativo generalizado no desenvolvimento da sociedade civil na Ásia central, ameaçando a liberdade de expressão e de associação⁸.

Os contínuos desafios políticos e econômicos

Os regimes autoritários e nacionalistas da Ásia Central têm presidido sobre o retorno ao tradicionalismo, enquanto ao mesmo tempo tem mantido o caráter secular do estado e das muitas estruturas administrativas herdadas da URSS. Observadores têm regularmente previsto a queda dos regimes pós 1991 na região, mas com exceção do Quirguistão isso ainda não aconteceu. No Turcomenistão, a repentina morte do presidente Niyazov, no final de 2007, foi gerenciada com uma calma surpreendente. Tristemente, a prometida abertura para a sociedade civil no Turcomenistão ainda não teve lugar (existe menos de 200 ONGs oficialmente registradas no país). As políticas isolacionistas do regime anterior resultaram em um fluxo das classes profissionais capacitadas para o exterior o que leva a uma muito limitada capacidade para reformas progressistas. Apesar disto, o INTRAC e seus parceiros locais têm conseguido realizar programas de lideranças para jovens militantes.

A região ainda luta com as conseqüências dos cortes draconianos do setor público ocorrido nos anos de 1990. O movimento de mulheres é um importante ator na defesa dos ganhos sociais do

⁸ Sen, K e Morris, T (2008) Sociedade civil e a Guerra contra o terrorismo, Oxford: INTRAC (publicação em inglês)

período soviético e inclui um grande e variado grupo – os mais estabelecidos têm fortes ligações com o governo. O movimento sindical foi seriamente enfraquecido pela perda dos privilégios da era soviética e pela crise econômica que diminuiu em 50% o seu tamanho; somente no Cazaquistão é possível ver sindicatos efetivos e confiantes o suficiente para reagir aos empregadores, inclusive com capacidade de fazer greves. No Quirguistão, as ações dos trabalhadores informais foram um importante componente da revolução de 2005, incluindo a tentativa de salvar empregos na indústria do carvão e para reverter a contestada privatizações. Entretanto, o novo regime fracassou em realizar as promessas feitas nesta área, retornando grandemente o caminho neoliberal.

Quando este número do ONTRAC ia para a impressão, uma onda popular de fúria contra os clãs e a corrupção no governo teve lugar no Quirguistão. Houve protesto de massa dos cidadãos contra o aumento das tarifas de aquecimento e eletricidade e a venda das companhias de energia. O governo interino prometeu o retorno aos objetivos da “Revolução das Tulipas” de 2005 – de maior democracia. Entretanto, a profundidade da crise econômica dos países pobres da Ásia central sugere que não existem respostas fáceis, até para os regimes de mentalidade progressista. A continuidade do conflito no vizinho Afeganistão continua a jogar um papel negativo, limitando o desenvolvimento na região. Nos esperamos que o Quirguistão se recuperará desta grande e trágica perda de vidas e da destruição da propriedade pública e privada, de forma que seja possível se desenvolver sistemas de forma aberta e democráticos. A ação dos cidadãos permanece um ingrediente vital para isto, junto com uma melhor e mais construtiva colaboração com o setor governamental. O apoio internacional é ainda vital para a construção de uma sociedade civil autônoma e com capacidade de defender os direitos sociais, econômicos e políticos dos cidadãos.

Charles Buxton
Gerente de Programa para a Asia Central, INTRAC
charlesb@intrac.kg